

UM REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS ETAPAS DO PROCESSO CRIATIVO: A ARTE FINAL¹

Luiz Henrique Oliveira Silva Carlos de PAIVA²
Lamounier Lucas PEREIRA JÚNIOR³
Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, MG

RESUMO

A fotografia artística compreende 5 grandes temas: arquitetura, retrato, paisagem, natureza morta e nu. Neste trabalho, apresenta-se a fotografia artística combinada ao uso da técnica de *lightpainting*, com foco no registro da paisagem representativa da última etapa do processo criativo: A arte final; realizada na disciplina Oficina de Criatividade do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Newton Paiva.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; processo criativo; comunicação, *lightpainting*.

1 INTRODUÇÃO

A fotografia aqui apresentada foi resultado de um trabalho proposto na disciplina Oficina da Criatividade, ministrada pelo professor Lamounier Lucas Pereira Junior, no segundo período do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Newton Paiva, no segundo semestre de 2011.

O trabalho consistia em registrar as etapas do processo de criação: briefing, brainstorming, captação de elementos, pesquisa, desenvolvimento de *rough*, *layout* e arte final. Segundo Alencar (1995, p. 16), “a criatividade implica emergência de um produto novo, seja uma idéia ou uma invenção original, seja a reelaboração e aperfeiçoamento de produtos ou idéias já existentes.” Cada uma dessas etapas deveria ser representada por uma fotografia artística, que é subdividida nos estilos arquitetura, retrato, paisagem, natureza-morta e nu.

A história da fotografia se inicia em 1826, quando Joseph Nicéphore Niepce, após 10 anos de experiências, conseguiu registrar uma imagem inalterável, utilizando uma placa de

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar,

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º Semestre do Curso Publicidade e Propaganda, email: luiz.francamente@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda, email: raoult@bol.com.br.

estanho banhado em um derivado de petróleo fotossensível chamado betume da Judeia. A esse invento ele deu o nome de fotografia que, em grego, significa escrever com a luz. Para realizar a sua primeira foto, foram necessárias oito horas de exposição à luz e a imagem obtida foi uma vista granulada da janela de sua casa na cidade de Le Gras.

Aquela época em que tirar fotos demandava um aparato caro e complicado, parece, de fato, de fato distante da era das cômodas câmeras e bolso que convidam qualquer um a tirar fotos. (...) Tratava-se de uma atividade gratuita, ou seja, artística, embora com poucas pretensões de ser uma arte. Foi apenas com a industrialização que a fotografia adquiriu a merecida reputação de arte. (SONTAG, 2004, p. 18)

O avanço tecnológico possibilitou à fotografia atingir um novo patamar, onde qualquer um que tenha uma câmera pode registrar um momento ou situação. Mas, até mesmo para o amadorismo, existem premissas que devem ser seguidas. Ao fotografar, é necessário saber qual o resultado final desejado, além de conhecimentos técnicos suficientes para operar os equipamentos e todo o aparato fotográfico. Como toda criação, existe um processo de seleção entre os elementos que são necessários, partindo da sua função no cenário do produto final. Toda a parte técnica deve ser utilizada de forma a possibilitar e embasar a construção da imagem.

Apesar da grande evolução da tecnologia ótica e eletrônica na produção de câmeras fotográficas, os conceitos e a base de funcionamento continuam os mesmos. São três os fatores que influenciam as propriedades óticas do resultado final em uma fotografia: ISO do filme ou sensor, é a sensibilidade que o sensor tem à luz, possibilitando a realização de fotografias em condições de pouca luminosidade ou muita luminosidade sem perder a mobilidade nos outros fatores; Abertura do diafragma, composto por lâminas reguláveis que abrem e fecham com a finalidade de controlar a quantidade de luz que atinge o sensor (a abertura do diafragma tem relação inversa com a profundidade de campo); velocidade do obturador, define quanto tempo o obturador permanecerá aberto para captação de luz (velocidade alta quer dizer efeito congelado e velocidade baixa causa um borrão no caso de movimento);

2 OBJETIVO

Representar o conceito de “Arte final” inserido no contexto das etapas do processo de criação publicitária, por meio de uma fotografia artística. Neste último estágio, cabe ao arte finalista encaixar todos os fragmentos desenvolvidos por outros setores durante as outras etapas do processo criativo, de forma que estes estejam em harmonia e se complementando para transmitir de forma correta a mensagem desejada. A arte final é uma etapa que deve ser desenvolvida de forma ágil e eficiente.

3 JUSTIFICATIVA

A representação da arte final não poderia ser feita ignorando todos as outras etapas ocorridas previamente e posteriormente. O resultado do trabalho de cada parcela isolada só faz sentido completo quando associada aos elementos ao seu redor e expostas para análise. Portanto, para captar esses momentos consecutivos em uma só imagem, é necessário ordená-los corretamente.

A escolha pela foto como paisagem se deu por mostrar uma visão ampla que possibilitasse a captação de várias representações dos elementos constituintes desse processo. A construção de uma imagem a partir dessas relações temporais destes elementos faz necessária uma distinção entre eles; a amplitude relacionada à profundidade de campo permite separar esses diferentes momentos por meio da composição da cena.

Cronologicamente, a arte finalização se situa entre a construção de elementos isolados por parte de todos os setores da agência e a peça finalizada. Então decidi compor a cena com a cidade de Belo Horizonte ao Fundo, um elemento representativo de Belo Horizonte do plano do meio e o reflexo deste elemento no plano mais próximo da câmera, de maneira que a cidade representasse todo o trabalho realizado, o elemento no plano do meio representasse o produto da arte final e o reflexo a análise do cliente.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Tendo em vista que fotografia é literalmente “escrever com luz”, resolvi utilizar a luz em si como protagonista da foto e mostrar as diferenças de pontos de luz isolados e distantes e uma concentração de luz mais próxima e articulada. Assim como ocorre no processo criativo, onde ideias devem ser relacionadas e conduzidas para formar um produto final coerente.

Para conseguir capturar a luz em uma forma que ela pudesse ser manipulada, utilizei a técnica de lightpainting (literalmente pintura com a luz), em que o obturador fica aberto por alguns segundos em um ambiente escuro ou com baixa intensidade de luz e uma fonte de luz móvel se desloca pela cena fotografada. O sensor capta a fonte de luz em diferentes pontos da foto ao longo do tempo que ela se move e gera o efeito de uma pintura de luz solta no ar.

Para obter o contraste necessário para a pintura com luz aparecer com boa definição e capturar as luzes da cidade de Belo Horizonte acesas, escolhi o turno da noite para tirar a foto. Como locação, fui a um mirante na zona sul da cidade, de onde é possível ver o centro da cidade inteiro, a região mais velha de BH. O elemento escolhido para representar as luzes da cidade como produto da arte-finalização foi a própria abreviação no seu nome.

Para tirar a foto e ainda assim manipular a luz, utilizei a técnica de self-portraiting ou auto retrato. Ao ajustar o disparador automático, predefinindo para alguns segundos, é possível disparar a câmera e se posicionar a tempo para aparecer na foto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A fim de realizar a longa exposição para capturar o efeito gerado pelo “*Lightpainting*”, utilizei a câmera Canon T1i, com capacidade para permanecer com o obturador aberto por até 30 segundos no modo automático ou pelo tempo que for necessário, no modo manual. A lente usada foi uma grande angular EF-S 18-55mm 1:3.5-5.6 IS ajustada para distância

focal de 18mm. Foram necessárias várias tentativas para chegar ao ajuste final de fotometria e ângulo da foto.

Para que a câmera permanecesse imóvel, fixei-a em um tripé e ajustei o ângulo de tomada. Isto me ajudou a delimitar a área em que eu poderia me movimentar, de forma que o “*lightpainting*” estivesse localizado em um dos pontos de ouro e que seu reflexo permanecesse dentro da foto. Os pontos de ouro, fruto da interseção de linhas paralelas horizontais e verticais que dividem a imagem, são nove quadrados iguais, é a posição mais nobre que um objeto poderia assumir.

A razão na angulação do horizonte da foto foi feita de modo que a leitura da foto, que ocorre da esquerda para a direita e de cima para baixo, começasse pela parte mais escura e sem elementos da imagem. Sendo puxada logo em seguida para o elemento brilhando um pouco mais a direita e abaixo, sequência da leitura. Logo na primeira tentativa, percebi que deveria fazer ajustes: a escrita das letras BH deveria ser feita de maneira espelhada, de modo que aparecesse em seu formato normal na foto.

O tempo de exposição nas primeiras tentativas era relativamente baixo, mas foi ajustado para oito segundos, assim que percebi que, quanto mais tempo permanecesse escrevendo a palavra, mais evidente seria o rastro de sombra que o meu corpo deixaria ao me mover mais lentamente para o lado.

Escolhi a abertura do obturador de 5.6 por permitir uma passagem relativamente boa de luz sem perder em muito a definição de foco em planos mais distantes. Como tinha um tempo longo de exposição, o que quer dizer que a luz entra na câmera por mais tempo, tive luz o suficiente para utilizar o ISO 800 sem prejudicar a definição e qualidade da imagem. Inicialmente, utilizei o recurso de um só disparo do flash para que eu além de tirar a foto, eu aparecesse como agente dentro dela. Mas abandonei a ideia por não querer identificar o autor da arte final.

Para realizar o “*lightpainting*”, foi utilizado inicialmente um celular com iluminação azul e vermelho apontado de frente para a câmera, mas como a leitura foi dificultada pela pouca nitidez dos traços, optei por usar a lanterna do celular de tonalidade azul direcionada

diretamente para a câmera. Ela foi escolhida por ter a lâmpada pequena. Assim, foi possível obter traços finos, claros e bem legíveis.

A sombra por trás da “pintura no ar” é gerada pela luz que foi bloqueada pelo meu corpo no momento em que escrevia. Como o obturador ficou aberto por bastante tempo, o que não havia sido registrado foi captado assim que o meu corpo se moveu. A sombra inicial é mais forte porque o primeiro momento captado foi aquele em que eu estava parado esperando o obturador abrir.

6 CONSIDERAÇÕES

Durante a realização deste trabalho, foi possível perceber que, ao produzir uma fotografia anteriormente pensada, vários obstáculos surgirão. Embora o número de obstáculos possa ser reduzido com uma produção detalhada, certos problemas só podem ser identificados a partir do momento em que se vive a situação de criação de um material.

Muitas vezes o que havia sido pensado não é facilmente realizável. Quanto isto acontece, é necessária uma adaptação nos fatores que podem influenciar o resultado final. Para isso, além da experiência prática na fotografia, é necessário também ter um bom embasamento teórico e afinidade com o aparato.

Em várias das tentativas, o resultado final obtido foi satisfatório, mas a persistência e curiosidade para realizar alternativas e explorar outros recursos resultaram em mais opções para seleção. A foto escolhida, por um exemplo, não foi a foto pensada, em que a sombra por trás das letras BH apareceria como uma imagem identificável, mas transparente. A ideia era dar um ar efêmero à foto; mas, ao analisar as imagens, percebi que o mistério gerado pela sombra não identificável era mais interessante, por poder ser espaço em que qualquer um poderia se encaixar.

7 APÊNDICE



Fotografia tirada por Luiz Henrique Oliveira Silva Carlos de Paiva em dois de OUT de 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eunice M. L. S. de. **Criatividade**. 2^a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ALENCAR, Eunice M. L. S. De. **O processo da criatividade**. São Paulo: Makron Books, 2000.

GOLEMAN, Daniel; KAUFMAN, Paul; RAY, Michel. **O espírito criativo**. São Paulo : Cultrix, 1992.